

Num.
17
Anno I

AMACA

DIRECTOR: CONSELHEIRO X. X.

3
de Junho
1922

O SACY E A MELINDROSA



— Como ella é in . . . «Sacy» . . . avel ? ! . . .

O TERROR DO HOMEM !!

Esterilidade -- Debilidade sexual -- Esgotamento nervoso -- Fraqueza senil -- Cachexia organica -- Inappetencia genesica -- Neurasthenia -- Pouca virilidade, produzida por excessos, curam-se com o

“SEXUOL”

Preparação opotherapica, feita segundo o methodo de Brown Sequard. — Preço do tubo 10\$000

DEPOSITOS { **RIO DE JANEIRO** — HARGREAVES & CIA. — Quitanda, 17.
S. PAULO — MESSIAS, ANDREUCCI & CIA. — *Drogaria Internacional* — Rua Quintino Bocayuva, 18.

Contra o TYPHO AGUA PLATINA

CASA YORK

CAMISARIA E ROUPAS DE CAMA E MESA

Verifiquem a modicidade dos nossos preços

22 a 26 ASSEMBLÉA

(Esquina da rua do CARMO)



A mais bella e humanitaria crea-
ção do nosso seculo, é sem duvida o

DYNAMOGENOL

GERADOR DA FORÇA

O mais efficaz dos tonicos para o sys-
tema nervoso e muscular é o mais
importante

Accelerador das forças e da nutrição

CADA COLHER DE SOPA ALIMENTA MAIS DO QUE UM BOM BIFE
CADA COLHER DE SOPA ALIMENTA MAIS DO QUE 3 OVOS

Tonico dos nervcs !
Tonico dos musculos !
Tonico do coração !
Tonico do cerebro !

Tuberculose
Anemia
Chloro-anemia
Flores Brancas
Fadiga Cerebral
Hysterismo
Nervoso

Vertigens
Bronchites Chronicas
Agenesia
Pallidez
Insomnia
Paludismo
Perdas Seminaes

Convalescença
Magreza
Dôres de Cabeça
Falta de appetite
Fraqueza geral
Suores nocturnos
Má digestão, etc.

Nestas e outras molestias o **DYNAMOGENOL** é de um effeito seguro e rapido
— na IMPOTENCIA ao 3.º ou 4.º vidro o doente obtém a cura.

DYNAMOGENOL

não contém strychnina, arsenico ou qualquer outra droga venenosa.

A fórmula do **DYNAMOGENOL** acompanha o vidro.

Vende-se em todo o mundo !! - Deposito : Rua Sete de Setembro, 186 - Rio de Janeiro



OCULOS E PINCE-NEZ

Para qualquer defeito da vista

APPARELHOS PHOTOGRAPHICOS E ACCESSORIOS
Lutz Ferrando & Cia Ltd

Rua Gonçalves Dias 40 - Rio



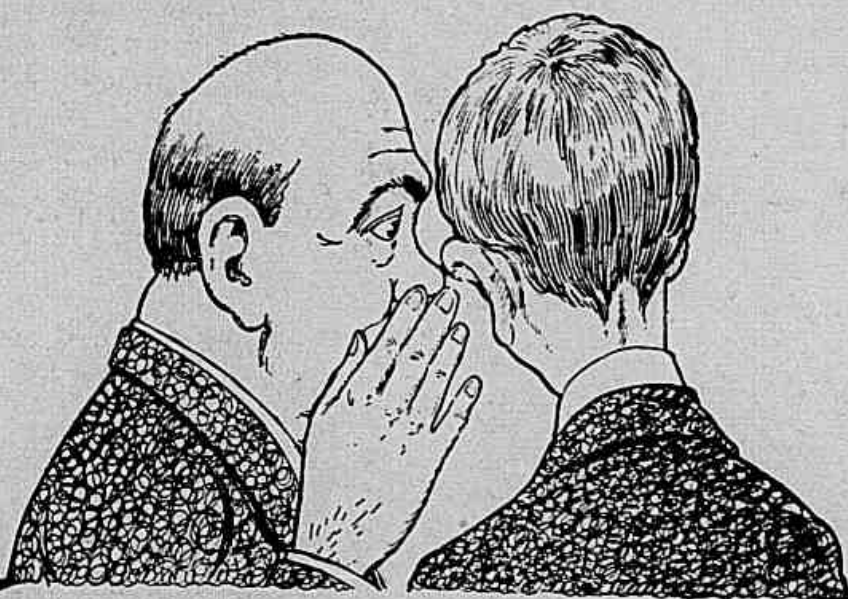
PARA O INVERNO

V. Ex. encontra na **CASA ESTRELLA**

Camisas de lã, ceroulas de lã, cache-nez de lã, meias de lã, bonets de lã, cobertores de lã, luvas de lã, sobretudos, pellerinas, pyjamas de flanela, pyjamas de casemira, cache-col de sêda, etc., etc.

PREÇOS SEM EXEMPLO

RUA DO OUVIDOR N. 134



FALLE BAIXO...

USE

Injecção Glycerina

de **ABREU SOBRINHO**

RUA DA LAPA, 6 - RIO

INVERNO!!

COMPRAE NA CASA DOS SOBRETUDOS

Um bom sobretudo de cheviot de pura lã ordem 7170, todo forrado. . .	55\$000
Idem, Idem c/ golla de velludo e confecção melhor ordem 7107 . . .	60\$000
Estupendo Sobretudo de cheviot de duas faces, forrado a franceza . . .	80\$000
Lindas capas de Gabardine impermeavel, estylo Ragau . . .	80\$000
- Esplendidos Sobretudos, de cheviots inglezes, c/ cinto e fivella, for. á franceza	110\$000
Grande sortimento de Cheviots inglezes para sobretudos sob medida com confecção de luxo desde 130\$000 á . . .	160\$000
Elegantissimas capas de Gabardine ingleza, impermeavel, estylo Ragau a Para interior mais 5\$000.	170\$000

Nas vendas por atacado para os collegas e pequenos revendedores, fazemos preços especiaes.

ALFAIATARIA SANTOS DUMONT — 192, Rua 7 de Setembro, 192

LOTERIAS DE S. PAULO

Garantidas pelo governo do Estado
Extracções ás terças e sextas-feiras
Premios de 20 a 200 contos de réis

CONCESSIONARIOS:

J. AZEVEDO & C.^{IA}
S. PAULO

Vende-se em toda a parte

COMP. DE LOTERIAS NACIONAES DO BRASIL

Extracções publicas sob a fiscalização
do Governo Federal, ás 2 ¹/₂, e aos sabbados
ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Sabbado, 24 de Junho, Ás 3 horas da tarde
GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA DE S. JOÃO
EM TRES SORTEIOS

2 — 1.^a

400:000\$000

INTEIROS, 22\$400 — EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na séde da
Companhia á Rua 1.^o de Março, 88.

Leia, recorte e guarde!

Sem compromisso algum para
V. Excia., ARMA-MOVEIS faz
questão de apresentar orça-
mentos para limpeza, concerto
e lustro dos seus moveis, col-
locação de tapeçarias, estofo,
etc. — Faz mudança por pes-
soal proprio, ex-empregados
da Red-Star.

Consulte : Norte, 6574

132, Rua General Camara, 132

ESPECIALIDADE EM
TECIDOS INGLEZES

Albuquerque

ALFAIATE

Tel. C. 4585

RUA 7 DE SETEMBRO N. 97 - Sob.

A MACÃ

Director: CONSELHEIRO X. X.

OS CONTOS DO CONSELHEIRO

A ESMOLA



Dona Florinda havia enviuvado muito cedo. Andava ella pelos vinte e seis annos quando uma bala apanhou, em Canudos, o capitão Salathiel Gomes Barbosa, atirando ao luto, senão ao desamparo, aquella triste e desventurada senhora.

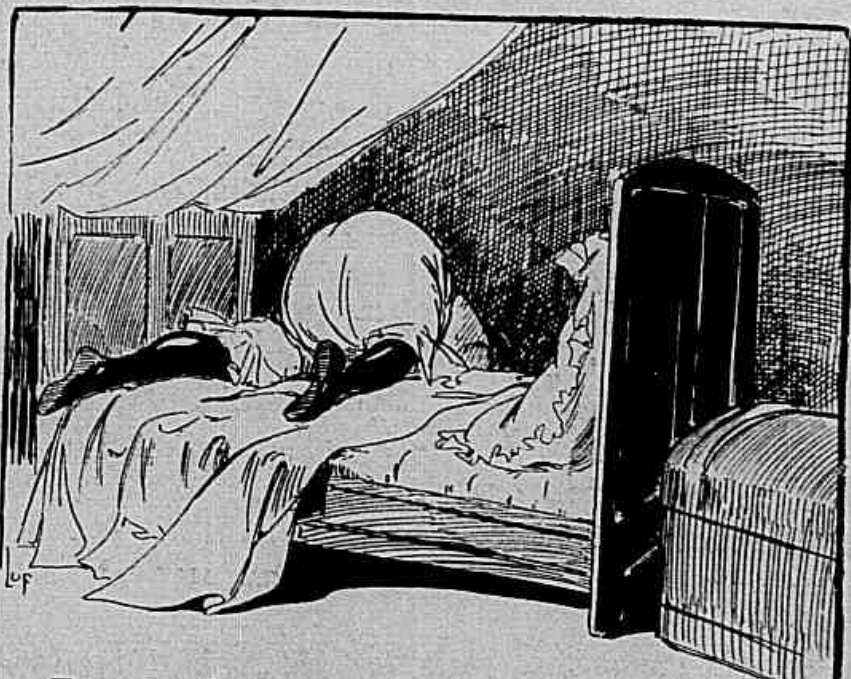
A viuva Salathiel não era, entretanto, mulher que pudesse esperar um novo casamento. Com um olho vasado por formidável sopapo do esposo; nariz chato; queixo torto; e uma bocca enorme, em que os dentes obturados se amontoavam sem simetria, — Dona Florinda não podia, mesmo, encontrar outro marido. A principio, sonhou ella com outro capitão. Depois, fazia um abatimento: contentava-se com um tenente. Mais tarde, já sacrificava tudo por um alferes. E o certo é que chegou aos quarenta e cinco annos sem achar, sequer, para companheiro dos seus ultimos dias, um simples cabo de esquadra.

Foi por esse tempo, e nessa idade, que a viuva conheceu na fortaleza de Santa Cruz, onde uma

familia amiga lhe dera hospedagem, o coronel Afranio da Costa Camara, que foi, depois, general, e, enfim, ministro da Guerra. Não obstante a sua patente, o coronel Costa Camara era, em materia de mulheres, infelicissimo. Casado com uma formosa senhora fluminense, esta o abandonara seis mezes após o consorcio, sem que se tivesse, do caso, a menor explicação. Divorciado, procurou novos amores, novas ligações. Não havia, porém, mulher nenhuma que o olhasse com sympathia por muito tempo. A' menor approximação, e á mais ligeira intimidade, passavam, todas, a olhá-lo com desinterese, com desprezo, quasi com repugnancia. E assim passava elle a vida, de desgosto em desgosto, de contrariedade em contrariedade, de desillusão em desillusão, quando viu, no antigo pateo da fortaleza, o espectro de Dona Florinda.

Naufragos do oceano social, agarraram-se um ao outro, aproximando-se com o «salva-vidas» dos olhos. E em breve combinaram um encontro, ensaio de noivado, o

CAÇADA



— Para onde o raio do chinello teria ido ???

J. PARKER READ JR.

APRESENTA

Louise Glaum

EM

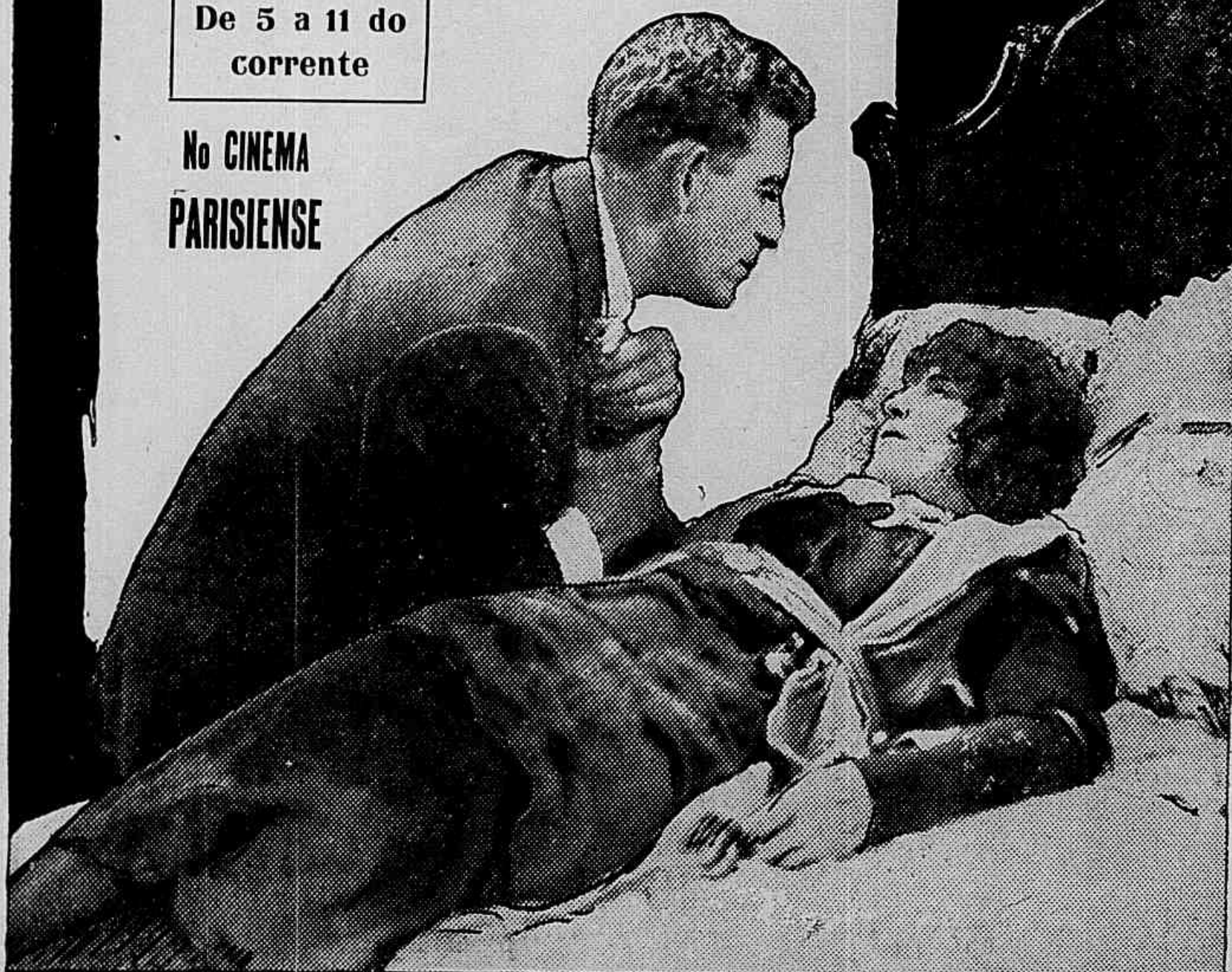
"AMOR"

Romance de uma mulher que o
amor tornou culpada !

— Uma deslumbrante e luxuosa
super-produção cuja protagonista é a mulher mais
tentadora do Cinema.

De 5 a 11 do
corrente

No CINEMA
PARISIENSE



Associated Producers

OS CONTOS DO ALMIRANTE

Como ellas pensam...

ALICE — *loura, casada, 28 annos, mulher chic, da alta roda.*

BELLINHA — *morena, casada, 24 annos, temperamento romantico, ares de ingenua.*

Mesa redonda, no jardim de inverno de Alice. Taças de chá, biscoitos, espalhados p la toalha bordada.

ALICE (*riscando a toalha com a colherinha de chá*) — Tens tido noticias do Ernesto?

BELLINHA — Eu? Tenho...

ALICE (*um ar de de riso*) — Afinal, que houve entre vocês?

BELLINHA — Nada. Acabamos com tudo que havia... estabelecemos um pacto... somos, hoje, apenas amigos...

ALICE (*após um momento de silencio*) — Vamos... conta isso como foi... eu preciso saber...

BELLINHA — Não foi nada, não, menina... Foi por causa da Guiomar... tu sabes...

ALICE — Vamos, conta...

BELLINHA — Eu te conto, sim... (*E animando-se*) Tu conheces a Guiomar... não conheces?... Pois, bem... A Guiomar vivia com o marido na maior harmonia, quando conheceu o Castro Monteiro... Este apaixonou-se por ella, e encontravam-se em uma casa que elle alugou lá para as bandas da Tijuca... O marido descobriu, propoz o divorcio, separaram-se, e o Castro Monteiro montou casa para ella...

ALICE — Em Copacabana...

BELLINHA — Sim, em Copacabana, lá

para o fim... (*Reatando*) Elle dava-lhe tudo... Casa... creados... luxo... automovel proprio... não lhe faltava nada... Pois, bem: não é que esta mulher, tendo tudo isso, se mette a namorar o Ernesto, enganando o amante ? (*E batendo na perna, com indignação*) Não é o cumulo?

ALICE — E' ser muito cynica...

BELLINHA — (*cada vez mais animada*) Por que eu admitto, minha filha, que uma mulher engane seu marido; mas o seu amante, não! Ao marido, ella está presa por laços sagrados, que não pôde romper. E nesse caso, a mentira é permittida... justifica-se... Mas ao amante... não!... Ao amante, ella não precisa mentir, porque, se já não o ama, nada a prende a elle... E nesse caso, o que ella deve fazer, é approximar-se, e dizer-lhe: «Fulano, eu já não sinto nada por ti... enganei-me... Meu coração é de outro...» E prompto!... Mas, enganar-o... trahir-o? Não!... nunca! (*Respira alto, e continua*) A mulher que faz isso, é uma perversa... uma infame... uma degenerada...

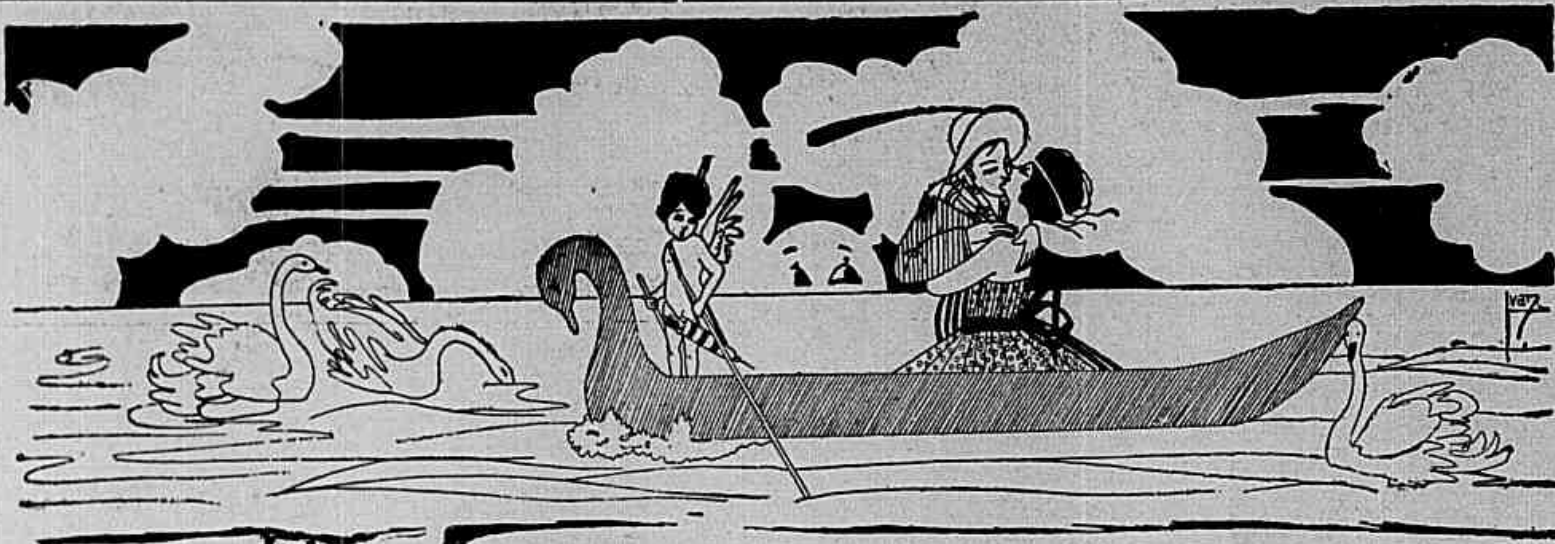
ALICE — E ella, agora, está com o Castro Monteiro, e encontrando-se com o Ernesto...

BELLINHA — Está, sim...

ALICE — E tu?

BELLINHA — Eu?... Eu... só... com o meu marido... (*E desatando em soluços, a cabeça apoiada á ponta da mesa*) Que desgraçada... que eu... sou... meu... Deus!...

Almirante Justino Ribas



A mulher do flautista



Foi em um cinema que a Didita conheceu o Feliciano. Não se supponha, porém, que o namôro começasse pelos pés, ou, mesmo, pelas mãos, na treva propicia aos apaixonados: começou pelos olhos, de longe, e no claro, visto que o rapaz fazia parte, como flautista, da orchestra da sala de espera. Os olhos encontraram-se, e, com elles, os corações. E ao fim de dois mezes, casavam-se, na igreja de São Joaquim, em S. Christovam, mille. Benedicta Mendes Lopes com o applaudido maestro Feliciano Mauricio dos Santos.

Didita não era, positivamente, creatura de posição. Filha de uma lavadeira, impuzera-se, entretanto, pela sua dengoza graça de brasileira morena, e, não menos, por

um comportamento acima de toda a suspeita.

Unida ao Mauricio, começou, porém, a rapariga, a mo-trar-se soberba, pretenciosa mesmo, com os seus conhecimentos antigos. A propria mãe, a Lourença, era tratada por ella um pouco por cima dos hombros, de modo a motivar, por toda a parte, commentarios desfavoraveis.

Certo dia, passava ella, pela rua Hadock Lobo, quando a viram duas normalistas, casadas, e de má lingua, que a conheciam dos velhos tempos em que a Didita cursara a Escola.

— Olha alli. E' a Didita... Não é?

— E'. — confirmou a outra.

— Vê só como ella vae... — tornou a primeira.

— Dizem que anda muito cheia de vento...

— Cheia de vento? — estranhou a outra. bregeira. — E' natural, menina.

E como a companheira arregalasse os olhos:

— Ella não casou, então, com um sujeito que toca instrumento de sôpro?

E riram, as malucas.

Professor Tiburcio



qual se realisaria em certa pensão galante, do Rio, onde o coronel mandara reservar, por intermedio da sua ordenança, um gabinete bom, e discreto, com toda a commodidade.

Perseguida ha dezenove annos pelos tempoes do destino, a viuva Salathiel nunca mais, desde a morte do marido, ouvira uma palavra carinhosa, ou sentira uma caricia. A honra que o coronel lhe ia dar assumira, pois, aos seus olhos, a feição de um acto generoso. E foi com um gesto de piedade, ao que parece, que ella a recebeu, lamentando, embora, não a de-zejar segunda vez.

Pelo menos, foi o que se concluiu da despedida final, entre os dois. Contrafeito, como quem teme uma derradeira desillusão, o illustre

official chegou á porta do gabinete e, estendendo a mão a Dona Florinda, aventurou:

— Agora, quando?

— Nunca mais, coronel... — gemeu a pobre senhora, desolada.

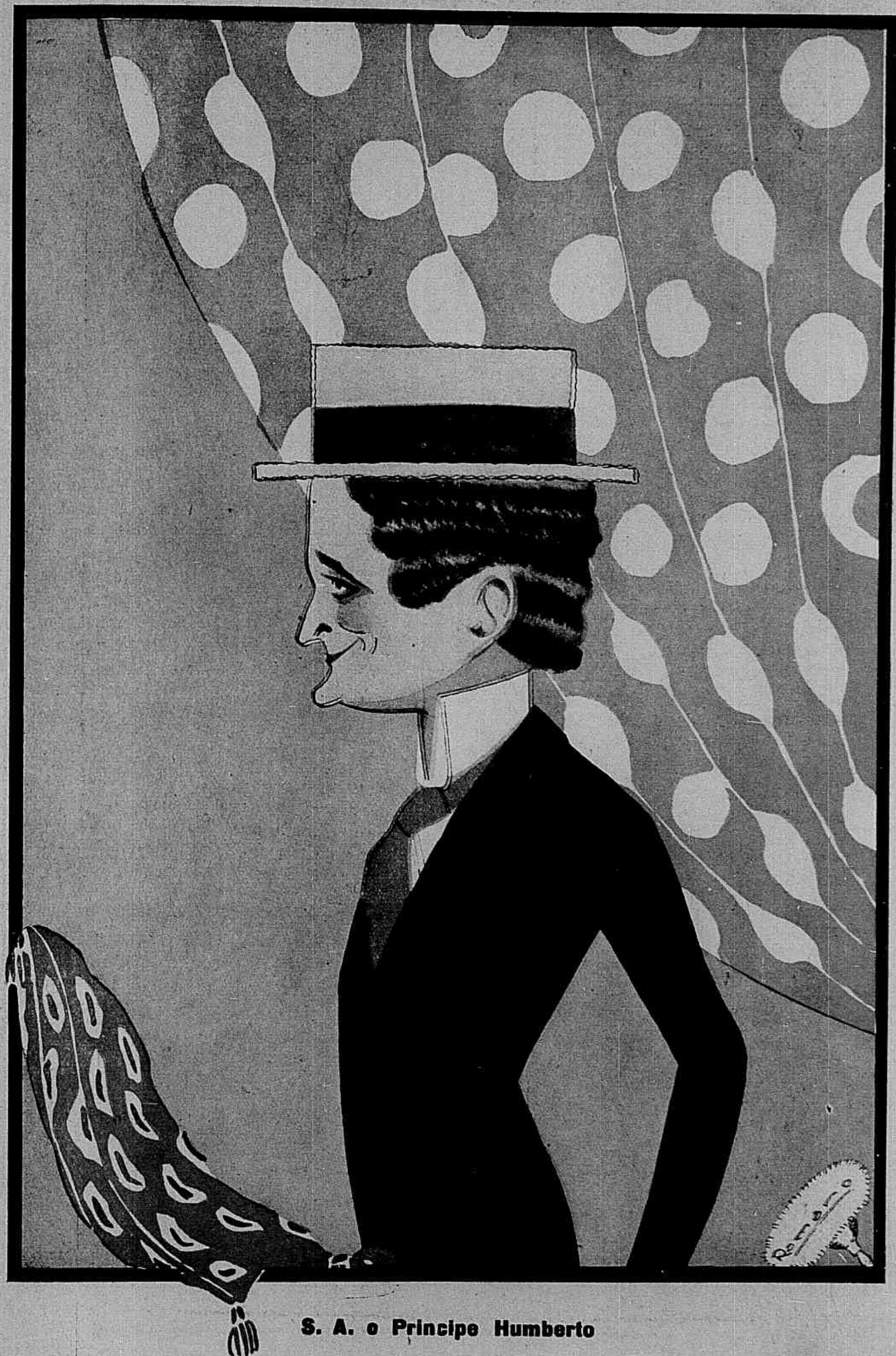
— Estou muito grato pela sua bôa intenção, que foi, para mim, uma esmola.

E apertando-lhe a mão, com um sorriso de gratidão, ou de malicia, que fez estremecer o velho soldado:

— Deus lhe accrescente...

X. X.

ARISTOCRACIA MUNDANA



S. A. o Principe Humberto

HUMBERTO GOTTUZO



cio Nacional.

O dr. Humberto Gottuzo é, effectivamente, o mais carioca dos cariocas. Desapparecesse a Humanidade, liquidada por um cataclismo, e a Humanidade que viesse depois descobriria, ao estudar-lhe os ossos, que elle constituiria o melhor especimen de uma civilização aprimorada, surgida, um dia, á margem de uma bahia enorme, numa possível cidade edificada entre montanhas floridas.

As maneiras, o typo, as vestimentas, a cultura literaria e scientifica do dr. Gottuzo representantam, em verdade, a ultima palavra do nosso aperfeiçoamento social. Face rosada e lisa, cabelleira fulva e crespa, como a juba de um cachorrinho de franceza; voz macia, de velludo azul; olhos claros e bons; roupas impeccaveis: — tudo isso é posto em destaque, nelle, por um sorriso permanente e suave, de verdadeira Gioconda masculina.

Perseverante nas amizades, tornou-se famoso pelas suas relações, tão estreitas quanto antigas, com o seu irmão siamez o desembargador Ataulpho de Paiva. Elles são, nesse ponto, como Pilades e Orestes, como Patroclo e Achilles, como Castor e Pollux, como Damão e Pithias, como Niso e Eurialo, como Pelopidas e Epaminondas. O fallecido Chapot Prevost, que separou as xipophagas, não poude, jamais, separar-os. O que não fez o bisturi, fez, entretanto, certa vez uma circumstancia occasional.

Conta-se, realmente, que, uma tarde, estavam os dois amigos a tomar o seu gelado na «Colombo», quando entrou uma senhora, conhecida dos dois. Convidada a sentar-se, acceitou, e ia metter a primeira colheradilha de sorvete entre os labios vermelhos, quando o dr. Gottuzo, olhando o espelho fronteiro, empallideceu: é que tinha visto, pelo crystal, penetrar na confeitaria o marido da linda senhora, o qual procurava com os olhos alguem, que devia estar naquelle meio. Ao dar com a cara do recém-chegado, o dr. Gottuzo pediu licença ao amigo e á formosa companheira:

— Um instantinho... Eu venho já!

Mal desapparecia Castor por traz de uma porta movel, ao fundo do salão, viu Pollux approximar-se da mesa um cavalheiro a quem não conhecia, e que foi, logo, erguendo a bengala, com ar aggressivo, e bradando:

— Ah, é você, não? E' você que se anda mettendo com a minha mulher?

Só nesse instante é que o illustre e integro magistrado comprehen-

deu tudo, inclusive o desapparecimento inesperado do amigo. E foi com a sua gravidade habitual, que elle, quando o outro reappareceu, o censurou, com aquelles dois famosos versos latinos de S. Gregorio Naziazeno, ao mesmo tempo que corrigia as roupas levemente amarrotadas:

*Fidis amicis nil puta proestantius
Quos casus parturit, non pecula!*

Que é como quem diz, naquella celebre tradução do padre Manoel Bernardes:

*De amigos bons estimação se faça
Por provas de perigos, não da taça.*

Irmão, assim, do Principe dos nossos celibatarios, e herdeiro presumptivo do titulo, o dr. Humberto Gottuzo é um dos idolos das mulheres. Alguns despeitados contestam, é certo, a sua preponderancia sobre o meio feminino. E foi um delles, com certeza, que inventou certa anecdotica, de que se falou ha algum tempo.

Certo dia — conta o intrigante — convidou o dr. Gottuzo um amigo recente para visitar o seu consultorio. Sobre a banca de trabalho havia um turbilhão de flores. O elegante esculapio fez um ar de enfado, explicando:

— E' sempre isto; antes da minha chegada, passam aqui, todos os dias, essas senhoras de Botafogo, que me entopem a mesa de rosas. E' um trambólho!

Nesse momento, entra o porteiro.

— Que é? — pergunta o amigo do dr. Ataulpho.

E o creoulo:

— Seu dotô, tá ahi o muleque da xábra que veio buscar o dinheiro das fulô!

O dr. Humberto Gottuzo deve andar, hoje, pelos cincoenta annos, e parece ter vinte. E' elle, no Rio, o attestado mais impressionante dos preparados de Mme. Potocka.

Rodin

Mythologia

O venerando poeta residente em um dos Estados proximos, tem por esposa uma linda senhora, que nunca lhe dera um filho. Ultimamente, porém, entrando o escriptor em tratamento, madame offereceu-lhe um bebê que é, mesmo, uma lindeza.

Satisfeito, o poeta apresentava o pirralho aos amigos:

— Eil-o aqui; é o filho de Apollo!

Um destes dias, porém, Madame emendou:

— De Apollo, não. Fulano!

E brejeira, como quem conhece a mythologia:

— De Mercurio!



O PASSADO E O PRESENTE

REMINISCÊNCIAS



O Sr. Senador Francisco Sá,
em 1854

O poeta Alberto de Oliveira,
em 1850

O Sr. Deputado Artur Lemos,
em 1865

mitório, e tocou a campainha.

Appareceu a creada.

— Eu preciso, — disse elle, — de um bom quarto para esta noite. E' para esta senhorita.

— Ah, senhor João, o senhor me desculpe! — respondeu a creada, torcendo o avental. — Mas é impossivel! Nós não temos um unico quarto desoccupado. Está tudo cheio!

Mariannita olhou Forster, consultando-o. Forster olhou Mariannita, com a sua fleugma habitual. A creada retirou-se, deixando os dois á vontade.

— E agora? — exclamou a moça, irresoluta.

— Agora? — obtemperou o rapaz. — Agora... dormes aqui!

— Comtigo?

— Porque não? Não tens confiança em mim? A cama é larga, dá para dois; e tu sabes, de sobra, que eu nunca te faltei com o respeito...

Realmente, Mariannita nada tinha a dizer de austeridade do noivo. Era um verdadeiro inglez. E foi pensando nisso que, recolhendo-se atraz do paravento, mudou de roupa, vestiu um pyjama de Forster, e foi metter-se na cama... Forster, quando ella acabou, fez o mesmo, mudando de roupa, e mettendo-se no leito. Feito isso,

deram-se as boas noites:

— Até amanhã, Mariannita... Dorme bem.

— Boa noite, Joca...

Eram oito horas quando Mariannita despertou. Ao seu lado, separado apenas por um espaço de dois palmos, estava o noivo. Ao ver aquelle homem no mesmo leito, a moça tomou um susto. Havia sido uma loucura. Quem acreditaria, realmente, que ella houvesse passado a noite no quarto de um homem, dormindo na mesma cama, sem ser a sua amante? Quem?

Forster serenou-a, porém, com um sorriso jovial:

— Bom dia, Mariannita!

— Bom dia, Joca...

Minutos depois, estavam, os dois, vestidos para sahir. A' porta do hotel despediram-se. E uma hora mais tarde, Forster recebia uma carta, em que havia simplesmente, o seguinte:

« Joca. — Peço-lhe que considere desfeito o nosso noivado. Sinto que, se me casasse com um homem com o seu temperamento, seria horriavelmente infeliz... Adeus! — Mariannita».

Até hoje, João Forster procura saber, de balde, porque a Mariannita, se casasse com elle, se sentiria, como affirmava, tão infeliz...

Don Baz.



MARIANNITA



Mariannita Pinheiro da Gama recebera, desde que sahira do collegio, contrastando com a instrucção alli recebida, uma educação puramente americana. Passeava só, ia sósinha ao cinema, fasia as suas visitas sem reclamar companhia, sentindo, mesmo, um certo praser com esse excesso de liberdade. Entre as amigas da sua mãe havia quem aconselhasse:

— Não consinta isso, Bemvinda. Isso não é educação para a nossa terra, para o nosso meio. Isto aqui não é como nos Estados Unidos. O nosso sangue é outro!

Mas Dona Bemvinda retrucava:

— Deixa a menina, creatura! Ella precisa defender-se por si mesma. Qualquer dia eu morro, e ella tem de ficar, mesmo, sósinha neste mundo de Deus. Que ella vá, pois, se acostumando...

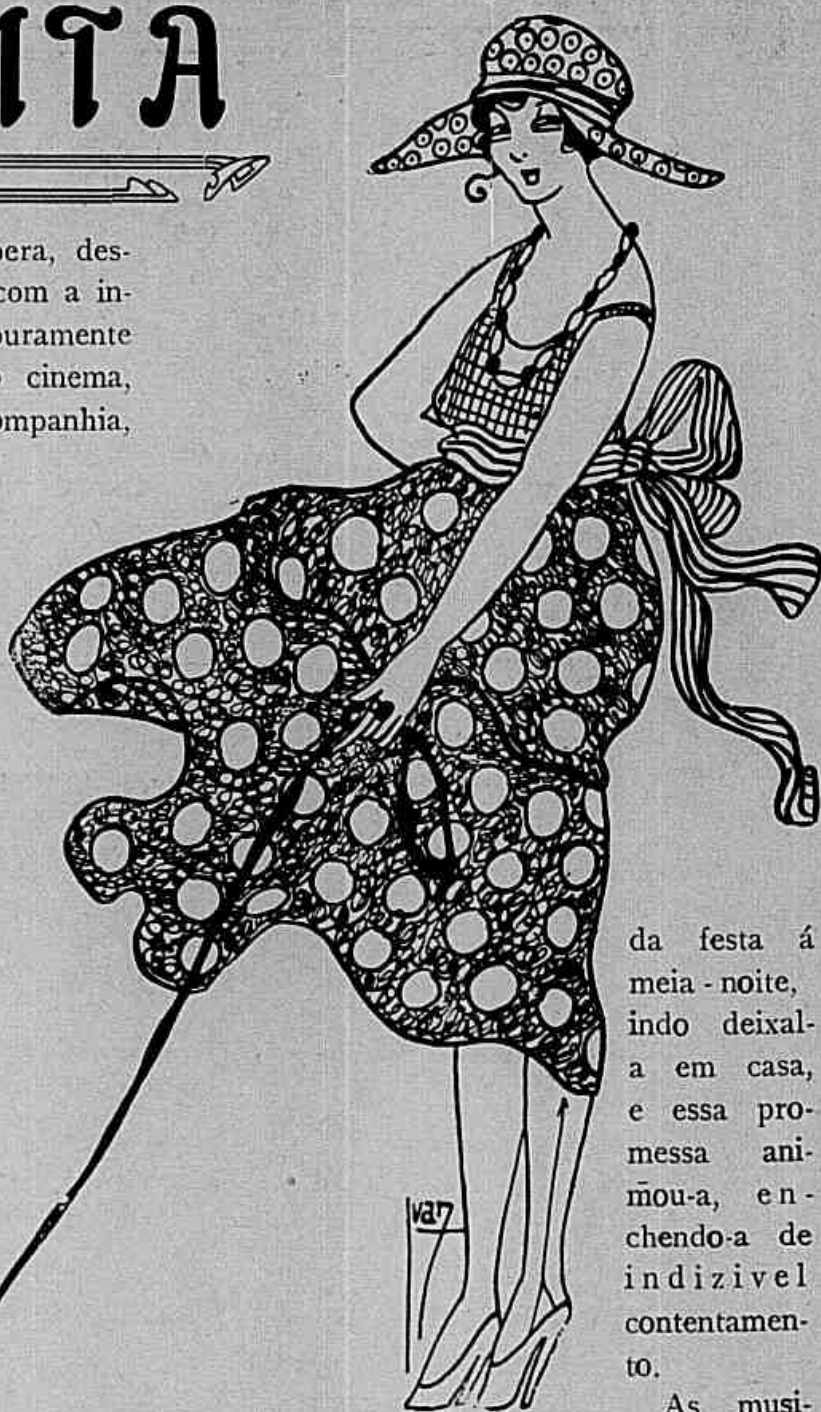
Se o ideal de cada mulher é encontrar um noivo, o de Mariannita foi, em breve, realiado. De caminho para o escriptorio em que trabalhava como dactylographa, conheceu a mocinha um rapaz alto, secco, de olhos claros, physionomia intelligente, funcionario, dos mais classificados, de uma grande casa bancaria. Chamava-se João Forster, e era descendente de uma familia ingleza, da qual herdara a gravidade, as maneiras, e uma fleugma verdadeiramente britannica. Verem-se e amarem-se foi obra de um momento, e, dentro de uma semana, eram noivos, indo juntos ao trabalho, frequentando, um ao lado do outro, o cine-

ma, o theatro, os lugares de diversão honesta.

Certa noite, Forster convidou:

— Vamos, hoje, ao baile da Associação dos Empregados no Commercio?
— Só se sairmos cedo. Tú sabes que eu móro longe... Não é?

Effectivamente, Mariannita morava longe: morava no Meyer, em uma casinha proxima á estação. O noivo prometteu, porém, que se retirariam



da festa á meia-noite, indo deixal-a em casa, e essa promessa animou-a, enchendo-a de indizivel contentamento.

As musicas dançantes não são, entretanto, como qualquer musica. Nas suas vozes, no seu ritmo, na sua cadencia, entra qualquer coisa dos gorgeios daquelle passaro maravilhoso que fazia perder a noção do tempo. E foi o que verificaram os dois: quando Forster olhou para o relógio, espantou-se:

— Duas e meia, Mariannita!

— Duas e meia?... — exclamou a moça, juntando as mãos.

A noite era má, horrivel, tempestuosa. O vento retorcia as arvores com violencia, annunciando um novo temporal.

— E agora? — gemeu a moça.

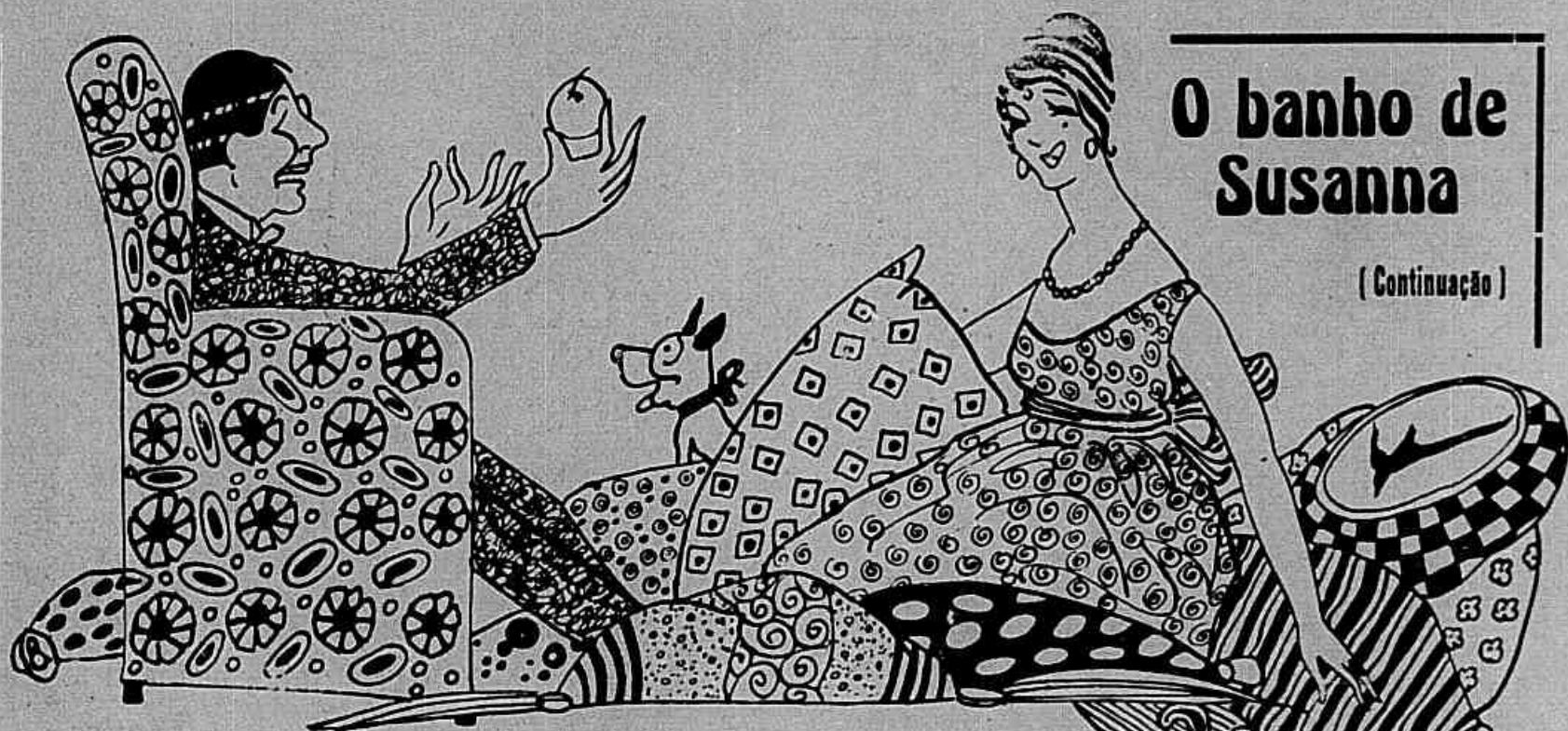
— Arranja-se... — opinou, fleugmatico, o rapaz.

E após um instante de silencio:

— Vamos para o hotel em que eu moro. Deve ter algum, quarto vasio. Aluga-se, e tu passas a noite lá.

Chegados ao hotel, o rapaz conduziu a moça ao seu dor-





O banho de Susanna

(Continuação)

A rapariga, quando appareceu á mãesinha, que vinha alli por ella, tinha as faces rosadas de emoção.

Durante a tarde, por occasião do jantar, e depois á noite, manteve um ar de ausencia, respondendo não raro com disparates ou cortando o silencio de subito com exclamações intempestivas, provas de que o seu pensamento fervia em conjecturas.

As interjeições escapavam-se como pela valvula de segurança os vapores das caldeiras por excesso de pressão, ou á semelhança dos vulcões, a sacudirem para os céos as lavas candentes em erupções literativas.

A dificuldade seria conduzir o livro que escondêra entre os cadernos de musica para a sua camara azul de donzella.

— Ora, vejam só — meditava a joven — quem havia de pensar que a biblia tinha cousas tão interessantes?! E a gente vive a comprar livros idiotas de moças pobres que casam com fazendeiros e de moços dignos e intelligentes, que, á força de orgulho e má creação deante dos ricos, terminam por fugir com as filhas desses ricos. E todavia naquelle livro tão antigo quanta cousa actual e veridical Olhe, que a historia dos dois velhos, que se despedem um do outro para dar em cima da pequena cada um por sua vés, é positivamente de hoje em dia...

E tão curiosa estava pelo desfecho do episodio da formosa chaldaica, que não quiz ir ao cinema ver uma fita que se annunciava muito realista. Sob o pretexto de escrever a sua lição de theoria musical, em breve se trançou no quarto para onde levára entre os cadernos o curioso livro.

Feita a «toilette», nesse dia um pouco mais apressadamente, estirou-se no leito e continuou a leitura. Ficára no versiculo 20, na occasião em que os «sem-vergonhas» pediam á pobre senhora para se misturarem com ella.

Se fossem rapazes talvez que dessa mistura saísse algum explosivo; mas velhos como eram, só se formassem uma insipida orchata.

— Enfim, vamos lá ver o resto, — concluiu a leitora de si consigo:

— «21 — Porque, se tu não quizeres, daremos testemunho contra ti, dizendo, que estava contigo um mancebo, e que por isso despediste de ti as donzellas.

22—Ao ouvir isto, deo Susanna um grande gemido... (Por que? Porque infelizmente não era verdade?) e disse:

De todas as partes me vejo cercada de angustias; porque, se eu fizer o que desejais, incorro na morte... (ahm! tinha medo de morrer... Foi só por isto!); e se o não fizer, não escaparei das vossas mãos.

23 — Porém, melhor me é a mim cahir entre as vossas mãos sem commetter o mal, do que peccar na presença do senhor."

Ahi está o que é pensar bem mesmo no meio das attribuições: E' que Susanna achava que por serem assim velhos demais não lhe podia acontecer cousa alguma...

«24 — E immediatamente deo Susanna um grande grito, e os velhos também gritaram contra ella.»

De maneira que — pensou a astuta rapariga — se não se tratasse de um par de velhotes aborrecidos, não haveria grito nem nada! E tudo se passaria então, como se estivessem no melhor dos mundos... O que é a vida, heim?

E a menina perdia-se em conjecturas, com o livro aberto sobre o collo, quando a cuidadosa mãesinha veio bater á porta.

— Abre, minha filha! Que é que tens? Estarás com febre?

E Susanna, mal-humorada, mal teve tempo de esconder o livro prohibido para fazer entrar a boa, mas indiscreta senhora.

Gil

Desillusão

Aquelle jovem medico de bigodinho á americana andava encantado com a preferencia. Realmente, era curioso que aquella senhora tão elegante, dançasse tanto com elle, quer no Jockey, quer no Palace, quer, mesmo, no Assyrio, onde se encontraram algumas vezes, durante o Carnaval.

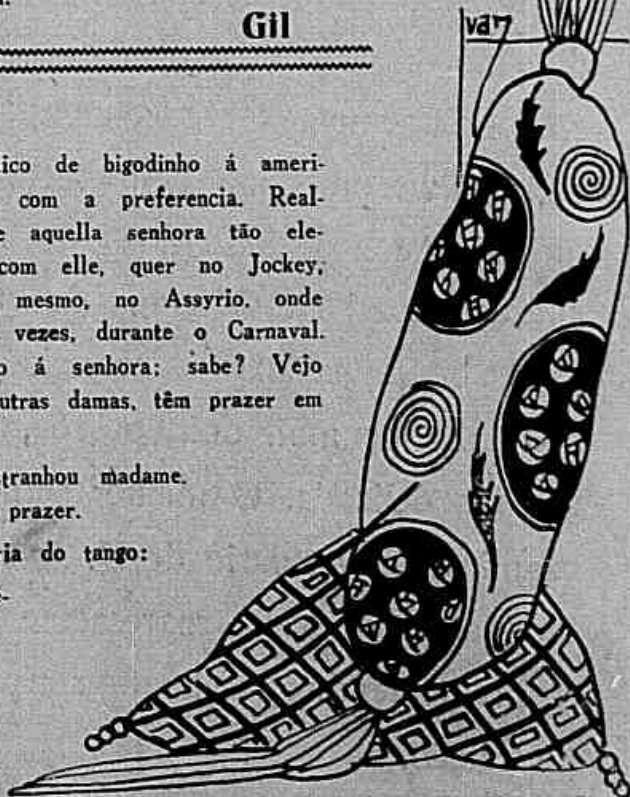
— Estou gratissimo á senhora; sabe? Vejo que, ao contrario das outras damas, têm prazer em dançar commigo.

— Prazer?... — estranhou madame.

— Eu não danço por prazer.

E aos pulos, na furia do tango:

— E' para emmagrecer...



DIALOGO DA MEIA-NOITE



O AMOR — Vocês precisam de mim ?

O NOIVO — Vae dormir, menino. Nós não nos casámos sem ti ?

ALCOVA DOS POETAS

A uma noviça

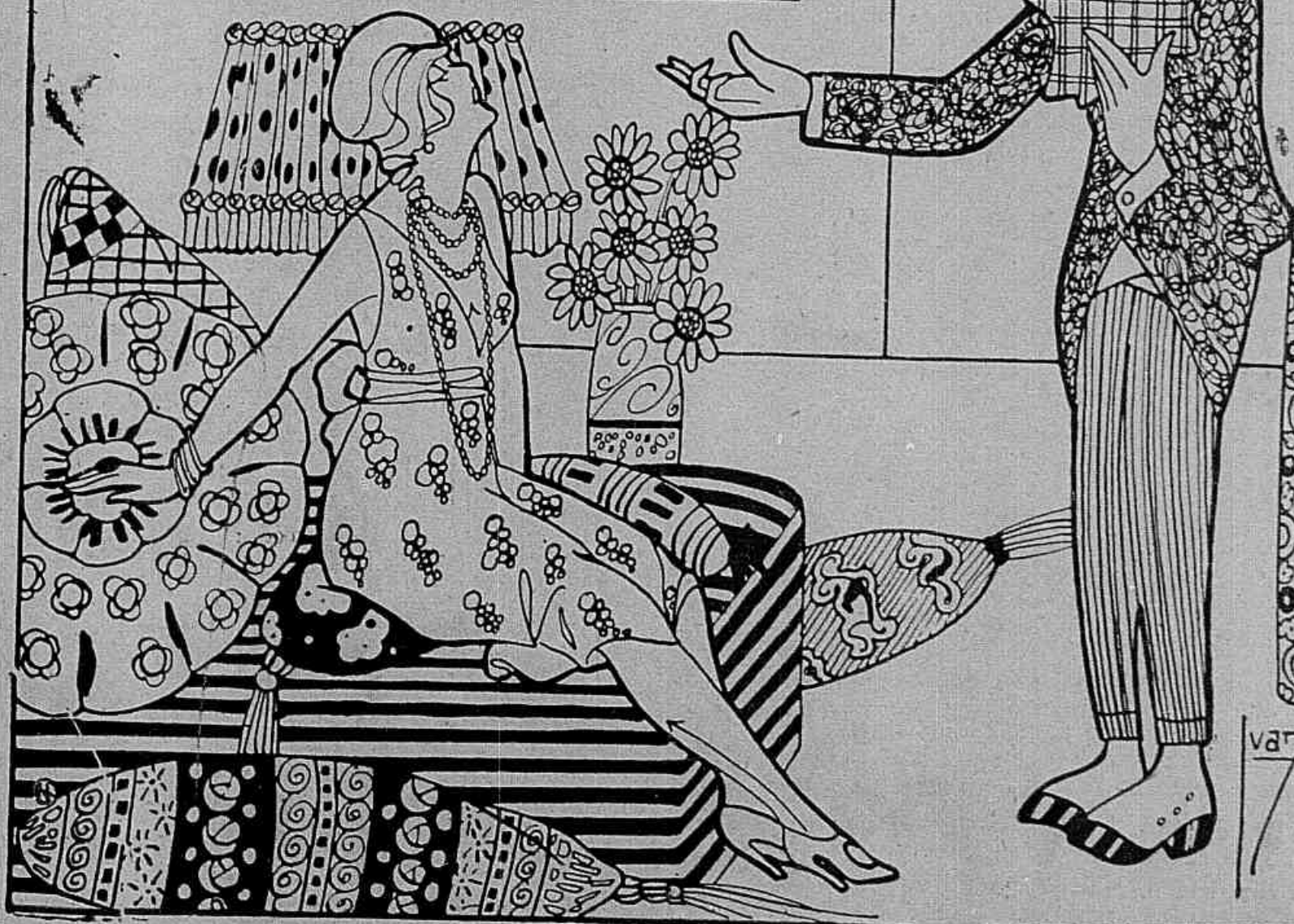
Amam-se as borboletas no ar; na grama
Os insectos; as aguias lá nos picos;
E, aos pares, pipilando, os tico-ticos
Na camara nupcial da mesma rama.

Ais, piões, urros, beijos impudicos,
No antro, no pó, na crypta, no ar, na cama...
Cada qual, a seu geito, o amor proclama,
Unindo as boccas ou juntando os bicos.

No banquete brutal das carnes nuas,
Em que a carne se cria e se transforma,
E do qual, assustada, hoje recuas,

Não ha quem o appetite vença ou dome
Senão tu, magra e fria, que jejuas,
E nas festas de amor morres de fome!

Julio Cesar da Silva



ODORANS

Dentifricio medicinal. O unico que evita a carie e o mau halito.
A experiencia custa apenas 2\$500
A venda em toda parte

A confissão

A indignação é a mãe da sinceridade. O individuo franco, leal, póde falar verdade, dizendo sempre o que sente, o que pensa, o que fez, o que viu; um dia chega, porém, em que surgem as conveniencias, e a mentira desabrocha, como a flor do cardo desabrocha na pedra. A raiva, a indignação, a colera, não: são sentimentos incompatíveis com a falsidade. A pessoa indignada diz, sempre, aquillo que lhe está no cerebro ou no coração.

Dona Joanninha Ramos constituiu, certa vez, na sua vida, um documento dessa verdade. Ha muito tempo o coronel Botelho Ramos desconfiava do procedimento da esposa, attribuindo-lhe um comportamento incorrecto e uma punhalada, uma vez por semana, no pacto matrimonial. Acompanhal-a nos passeios, era cousa impossivel. O tempo de que dispunha era pouco para os negocios, e não convinha incumbir outra pessoa, de missão tão delicada. O melhor seria, pois, examinar o vestuario de D. Joanninha, toda a vez que ella regressasse á casa, surprehendendo-a, assim, no seu peccado de traição.

Certa noite, acabava a illustre senhora de entrar para o quarto, e principiava a despir-se, quando o coronel empurrou a porta, e exigiu:

— Dá-me a calça; anda !

— A calça?... — estranhou a moça, tirando, e entregando-lhe a peça de roupa reclamada.

Pallido, as mãos tremulas, o velho tabellião examinava a graciosa vestimenta de seda azul, sem encontrar nada que compromettesse a mulher.

— Toma... — exclamou, ao fim de alguns segundos, devolvendo-lhe a peça.

E ia sahir, sem dizer nada, quando a esposa o agarrou pelo collarinho, brandando, indignada:

— Olha, miseravel; vem cá.

E sacodindo-o com furia, os dentes cerrados:

— Tu não vês logo, toleirão, que, se eu tivesse de ir hoje á casa do Alfredo, eu não iria de calça?...

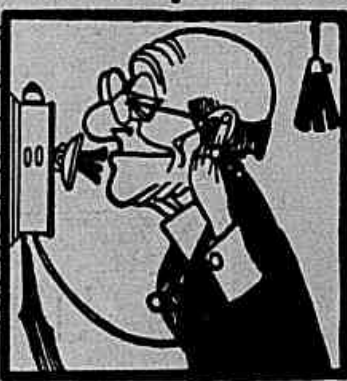
E atirou-o para fora do quarto, fechando-lhe a porta em cima, com um estrondo de canhão.

Batu Allah

VIBRAÇÕES



- Que fazes ahí com a pilha de Volta ?
— Nada, filho. Estou esperando . . . a volta da pilha !



A beduína

Filha de um magistrado eminente, a linda senhora tem espirito, e não o poupa. O proprio marido, burguez honesto e rico, não escapa, ás vezes, á furia da sua perversidade.

Uma destas noites foi ella ao Municipal, onde chegou com grande antecedencia, quando o theatro ainda se achava quasi vasio. De passagem pelo corredor, viu, em uma frisa, uma das amigas mais intimas, e entrou, deixando o esposo do lado de fora.

— Tu, por aqui? — indagou a outra.

— E' verdade.

— Com quem vieste?

— Ora, com quem havia de ser? Com meu marido...

E indicando a platéa vasia:

— Para se atravessar um deserto, minha filha, é preciso, sempre, um camello...

O filtro

O illustre sacerdote é um homem simples e bom. Queridissimo nas familias honestas, visita-as sempre, sendo carinhosamente recebido.

Ha pouco tempo, foi elle á casa de uma senhora catholica de alta situação, a qual, com a sua singelleza de mulher pura, o levou a visitar todos os compartimentos do predio. Sala, cosinha, copa, dormitorios, tudo foi visto. Em certo momento, entraram na sala de banho, que é vasta, clara, deliciosa. Encantado com tanto conforto, o sacer-

dote examinava a banheira ampla, o aquecedor de metal, o lavatorio de marmore, quando os seus olhos pousaram em um aparelho de vidro, suspenso da parede, e do qual pendia uma borracha, pingando agua.

Admirado, o illustre vi-gario parou, olhando.

— Eu não conhecia esses filtros... — exclamou.

E passou adeante, simples, singello, santo, sem a minima idéa de peccado...

Valdade

O illustre e querido mundano que faz ponto,

todas as tardes, na Lallet, é uma dessas creaturas encantadoras que nunca descem os olhos sobre si mesmas. Para elle, o mundo todo mudou: elle, só elle, ficou o que era, resistindo á acção corrosiva do tempo.

Uma destas tardes, tomava elle o seu chocolate em companhia de varios amigos jo-



Conselho



— Já dei tudo que podia dar, e esse homem ainda não está satisfeito!

— Então começa agora a pedir.

vens, quando entraram algumas senhoras, deliciosamente lindas. Encantados, os rapazes voltaram-se para o grupo. O illustre homem de sociedade continuou, entretanto, impassivel. E como alguém lhe observasse essa indiferença, esclareceu:

— Não sei, meninos, o que é isso; mas, parece-me que as moças de hoje perderam aquella graça feminina, das moças de outr'ora!

E para não confessar que era elle que envelhecia:

— Positivamente as mulheres estão degenerando...



Galho DE URTIGA

Os adutores

E' uma anedota politica, de certa oportunidade.

Quando João Pinheiro foi eleito presidente de Minas, o então deputado Lauro Muller, que era seu amigo e já se mostrava um dos nossos politicos mais experientes e avisados, chamou a sua attenção :

— Olha, tem cuidado com os adutores. Elles são o perigo maior dos mares da politica. Desconfia da lisonja. Previne-te, sempre, contra tudo que te disserem.

Mezes depois encontram-se os dois velhos camaradas.

— Então, João, como te vaes dando com o cargo ?

João Pinheiro explicou :

— E' verdade, «seu» Lauro, que gente perigosa ! Eu estou prevenido, é certo ; a adulação é, porém, tão sorrateira, tão habilitada, que difficilmente escapo.

E sorrindo, com bondade :

— Mas, deixe estar, «seu» Lauro: ser adulado é perigoso, mas... é bom, como o diabo!...

O sacco

Aquella senhora morena, de olhos muito negros e labios muito finos, que lhe dão uma feia bocca de carneiro, tem um excesso de banhas que muito lhe prejudica a elegancia. No tempo do collete, que lhe corrigia o exaggero das formas, ganhou ella a fama de bonita; e conserva-a, hoje, mesmo com a indiscreção das

confessou o desgraçado, torcendo nervosamente o boné entre os dedos.

E concluiu, num impulso de coragem:

— Por causa da sua creada...

Dona Celeste chamou a Policia, e entregou-lhe o atrevido.

roupas frouxas, que lhe emprestam sempre aquelle ar de quem anda procurando fraldinhas nas casas de artigos para creanças.

Da «toilette» dessa illustre figura feminina faz parte, porém, um sacco de mão, artigo de grande luxo. Mas não é um objecto commum: é o rei dos saccos, um sacco para sessenta kilos, que pode center não só o espelhinho, o «rouge», a caixa de pó de arroz, mas, ainda, o chapéo, o sapato, e o guarda-chuva da proprietaria.

Ha dias, passava madame com elle, quando uma senhora — aliás amiga — perguntou a outra, amiga tambem :

— Para que quererá ella aquelle sacco ?
— Tu não vês pelo geito della ?

E perversa :

— E' para encher... de agua quente !

A viajante

Ella, que é linda, foi para S. Paulo, solteira. Casou-se por lá, ha dois ou tres mezes. Ha quinze dias reapareceu na Avenida.

— Por aqui já ? — estranhou uma das antigas companheiras de cinema. — E' viagem de nupcias ?

— Qual, menina !

E ante o espanto da amiga :

— E' viagem de... separação !

Effectivamente, o divorcio já está, lá, em andamento...

José Fortunato



"GENTLEMAN"

Desde que se haviam mudado para aquelle prédio da rua Delphim, em Botafogo, Dona Celeste Monteiro notara o interesse com que aquelle rapaz tão chic, tão mundano, residente ao lado, olhava para as suas venesianas, para a sua porta, para o seu quintal. A falar verdade, o typo não desagradava: parecia um cavalheiro, um homem distinto, um moço de educação apurada — e tão apurada que, olhando-lhe tão teimosamente a casa, desviava discretamente os olhos assim que a illustre senhora chegava á janella.

A familia de Dona Celeste, depois que o marido a abandonara, limitava-se a um filhinho de quatro annos, o Daniel; á Maria Antonia, cafusa de dezoito annos, copeira e ama do pequeno; e a um gato de raça, que vivia mais no telhado, perseguindo as gatas, do que debaixo da mesa, disputando as migalhas. Naquella noite, porém, toda ella se limitava a Dona Celeste: a copeira havia ido ao cinema com o pirralho, e o gato, como sempre, andava aos pinchos nas telhas, cantando árias de Verdi ás bichanas da vizinhança.

Na sala de jantar, sosinha, com o portão fechado, Dona Celeste lia um jornal da tarde quando ouviu rumores na cosinha. Corajosa, abriu a lampada que illuminava o quintal e, em menos de um minuto, achava-se no fundo da casa, empunhando um revolver. E estremeceu: á porta da cosinha estava,

confuso, aquelle rapaz da vizinhança, cujo aspecto, mesmo naquelle momento, lhe pareceu o mais distincto possível.

Muda, Dona Celeste encarou-o.

— Perdão, minha senhora... — gemeu o moço, arrancando o boné de seda com que se cobria; — mas...

Dona Celeste interrompeu-o :

— E' estranha, realmente, a visita do cavalheiro...

E com um sorriso á bocca:

— Não sabia onde era o portão da casa? Faça o obsequio de entrar...

Dois minutos mais, e estavam, os dois, na sala de jantar.

— Sente-se... — ordenou a moça.

O rapaz relutou. E aquella relutancia, aquella timidez, eram, aos olhos da dona da casa, características. Só muito amor, mesmo, poderia determinar aquella temeridade, aquelle desasombro, aquelle gesto de coragem. E foi com uma ponta de vaidade, com o orgulho de haver inspirado uma paixão daquella ordem, que Dona Celeste aventurou, sorrindo com bondade:

— Mas, afinal, que pretende o meu illustre vizinho?

O rapaz ficou vermelho, quasi roxo.

— Falle!

— Posso falar a verdade? dizer a que vim? — aventurou o moço, como quem subitamente se resolve.

Dona Celeste fechou os olhos, esperando o beijo.

— Eu vim aqui a esta hora... —

PROCOPIO FERREIRA



Entre as virtudes desta popularissima figura de theatro, está o problema que levantou nos meios scientificos, desde que appareceu: a origem do Homem e a do Macaco. E' verdade que Darwin assegura, estabelecendo confrontos, que a espécie humana procedeu do orangotango, o qual subiu em intelligencia á medida que descia do pau. Cientistas ha,

porém, que pensam, hoje, de modo contrario, achando, mesmo, que, se Darwin tivesse conhecido Procopio Ferreira, se convenceria de que, ao contrario das suas conclusões primitivas, o macaco é que é, na escala dos animaes, o mais intelligente dos descendentes do homem.

Um dos argumentos dos adversarios de Darwin, é o apparecimento de Procopio Ferreira no theatro. Depondo, uma vez, no inquerito aberto na Academia de Medicina, Viriato Corrêa declarou que Procopio lhe fôra levado por um caçador, que o apanhara nas mattas da Tijuca, e o trazia, na rua, á ponta de uma corda, amarrado pela cintura. Tal era, porém, a vivacidade do animalsinho selvagem, que dentro de poucos meses, se tornara, sem favor, a primeira figura do «Trianon».

Procopio Ferreira é, mesmo, dos nossos artistas de comédia, áquelle que melhor sabe onde tem o nariz. E quem o conhece, sabe que isso não é das cousas mais faceis. Proprietario de um aparelho nazal que poderia servir de chaminé á mais poderosa caldeira da Light, Procopio poderia ignorar onde andava, em certas occasiões, a ponta da sua usina de espirros. E, no entanto, não a olvida nunca, podendo di-

zer, dormindo ou acordado, onde paira a cupula do monumento. E', em summa, um artista que sabe onde tem as ventas.

Pequeno de estatura, com uma voz de adolescente que entra no conhecimento do mundo, Procopio é queridissimo pelas mulheres. Algumas ha, mesmo, que mudam de theatro unicamente

para vel-o. E essa attracção, exercida por elle, tem-lhe causado desgostos inenarraveis.

O caso mais recente foi, porém, o occorrido á rua São Clemente, ha poucos mezes. Apaixonada pelo artista, uma viuva sexagenaria, horrenda e bigoduda, mas proprietaria de algumas centenas de contos, convidou-o para um chá, á noite, na sua residencia. Procopio foi e, á hora das torradas, a velha atirou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos e espanando-lhe o rosto com o bigode.

— Adoro-te, meu amor; e tu vaes ficar commigo! — bradou a megêra.

Procopio deu um pulo da cadeira, e encostou-se á parede, a bocca aberta, os olhos esbugalhados.

— Não venha! — pedia. — Não venha!

— Tudo isto é teu, meu filho! — gemia a velha, indicando a louça, os moveis, os quadros, toda a ornamentação da casa.

E, supplice, os braços estendidos para elle: — Vem!...

A situação era desesperadora. E foi quando Procopio, num lance genial, teve uma idéa: enfiou os dedos, em forma de pente, no cabelo, arripiando-o, afilou o narigão, escancarou a bocca até a orelha, e desandou, com toda a força dos pulmões, num formidavel choro de bezerro desmamado, só igual, no palco, áquelle berreiro em que o Hernani, do «Onde canta o sabiá», volta para a casa, com o rosto esbandalhado pelos murros do athleta do circo.

Nada bonito, Procopio Ferreira é, em summa, um bello artista. E', mesmo, dos nossos artistas de comedia, áquelle que, entre as artistas mais lindas, nunca fará feio...

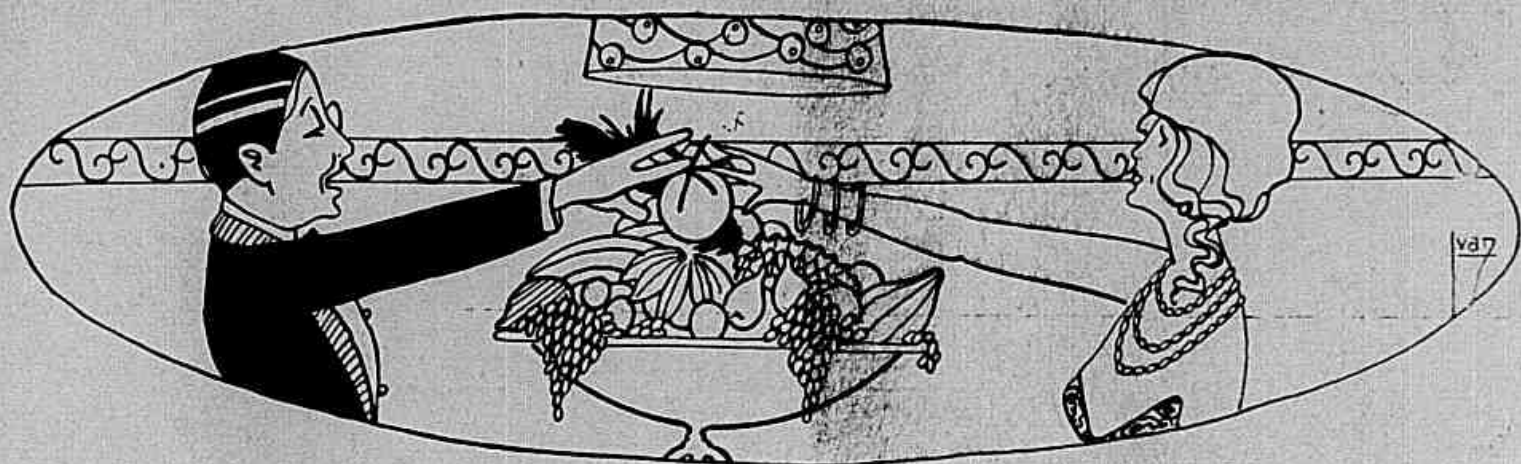
João Kaetano



POR TRAZ DO PANNÓ...



PROCOPIO FERREIRA



O argentino e os paraguayos

Deante das nossas tropas, reza a historia as forças do dictador Lopez que tinham invadido a provincia argentina de Corrientes retiraram apressadamente, de maneira que o nosso exercito foi avançando sem tropeços por aquellas colinas sem fim, onde alumiavam os banhados ao sol e gritavam de instante a instante os quero-queros.

Acompanhado do seu estado maior e do seu piquete de lanceiros, o bravo general Osorio hospedára-se numa estancia pequena, á beira do caminho. Após o jantar frugal, viera chupar o seu chimarrão costumeiro na alpendrada da casa, de ante da noite fresca e enluarada.

Sentado silenciosamente numa vasta poltrona, olhava o luar, o canudo da bomba do matte esquecido ao canto dos labios. Os officiaes circulavam-n'o de pé ou escanchados nos parapeitos do alpendre. O estancieiro gringo, encostado ao humbral da porta, cerrava os olhos, como se profundamente meditasse. A um canto, occupava uma poltrona mais larga que a do general a esposa do fazendeiro, immensamente gorda e já grisalha. Por traz della se alinhavam as suas tres filhas, mocinhas entre dezesseis e vinte annos, coradas e nada feias.

Terminando o seu matte sabroso, Osorio rompeu o silencio, dirigindo-se ao argentino:

— Então, meu caro hospedeiro, os paraguayos passaram por aqui tambem?

— Tambien, señor general.

— Com toda a certeza,—conti-

nuou o general—pintaram o sete! Gente barbara! Avalio o que fizeram pelos rastos que já encontrei de sua passagem em outros logares. São bandidos e não soldados! Não respeitam nada.

O argentino escancarára os olhos, desperto de todo da sua meditação, e avançara mais para o meio da varanda. O luar batia-lhe em cheio da cabeça aos pés. Tinha a face corada e cheia de resignação. Deixou pender a cabeça desalentado e exclamou:

— Usted tiene razón, señor general brasileño. Los paraguayos estuvieron acá y no hon respectado nada!

— Que lhe fizeram esses selvagens? — indagou curioso, o chefe brasileiro.

O homem guardou silencio alguns momentos. Todo o estado-maior devorou-o curiosamente com os olhos. Por fim, disse, abruptamente:

— Que me hicieron? los miserables paraguayos estragaron todas las tres niñas!

O general e a officialidade entreolharam-se com espanto. As mocinhas baixaram a cabeça, envergonhadas. Houve um silencio afflictivo. De repente, a mais moça dellas encara friamente os officiaes e, com os olhos cheios de agua, diz ao general, como a desculpar sua desgraça com a de outrem:

—Y maman tambien! y maman tambien, señor general!

A velha gorda mal se remexeu na vasta poltrona e nada disse. Continuou a olhar as unhas tarjadas de negro. Uma nuvem diminuiu a luz esverdinhada da lua. E o argentino, avançando mais,





PIERRE. — A sua desculpa, explicando-me que aggreira a sua esposa sem o proposito de feril-a, faz lembrar aquelle outro, da anecdotia. Certo sujeito foi accusado de haver assassinado a mulher com dezeseite punhaladas, com a aggravante de ter utilizado um punhal envenenado. Conduzido aos tribunaes, o assassino protestou :

— Eu juro, sr. juiz, que não foi para matar. E corroborando a affirmativa :

— Eu juro, por Deus, que não sabia que o punhal estava envenenado !

Na opinião delle, a morte proviera do veneno. As punhaladas tinham sido innocentes...

ALARICO. — Eu comprehendo o seu constrangimento e os seus temores. O meu primeiro marido era tão gordo como o senhor diz ser sua noiva. E o meu remedio é o que lhe vou aconselhar : trez dias antes do casamento, compre uma barrica ou um barril, ponha-o na cama, e durma abraçado com elle. Quando a noiva chegar, o senhor estará, já, acostumado.

AFFONSO. — A fabricação da moeda falsa é o mais deshonesto dos misteres. Ella bastará para inutilisar moralmente um homem. A não ser, está bem visto, que a imitação seja absolutamente perfeita.

AMELIA. — A sua idéa de dormir embrulhada no pavilhão nacional é grandemente patriotica. No inverno, principalmente, esse patriotismo constitue uma necessidade. Convém, entretanto, quando dormir, deixar debaixo da cama o pau da bandeira.

LAURA M. — A perola que Cleopatra bebeu valia, na opinião do santo padre Manoel Bernardes, 250.000 cruzados, dos antigos. Sobre esse caso, eu sou da sua opinião : elle é difficil de engolir...

GITANA. — Continue a fazer o sacrificio. A sua sogra está custando a morrer, multiplicando o seu trabalho de ficar, noites e noites, á cabeceira do leito. Lembre-se, porém, que ella já fez testamento, e que lhe deixa uma parte da sua fortuna. A riqueza de amanhã vale bem, acredite, as insomnias de hoje...

ODETTE. — E' muito difficil saber se o seu marido anda muito a pé, quando possue automovel. O remedio para isso, é este : amarre-lhe um taximetro na botina, e veja, á noite, quantos kilometros elle andou. Verifique, porém, se uma parte da viagem não é feita sem botina...

Mme. Benedicta

O que as noivas devem saber...

Uma estatistica recent mente organizada por um funcionario do Arcebispado, demonstrou que, depois que a Cruz Vermelha Brasileira annunciou a sua formidavel loteria do Centenario, cujo premio maior é de cinco mil contos de réis, e em que o total dos premios attinge

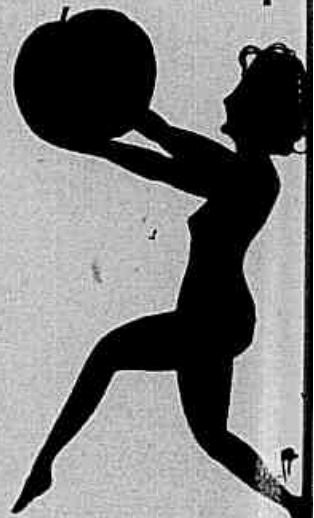
quasi dez mil contos, tem subido enormemente a cifra dos contractos nupciaes, não só nesta Capital, como no Brasil inteiro.

— Qual será o motivo? — perguntava o sr. conego Marinho a um jovem bacharel que o convidava para o seu casamento em setembro.

O rapaz explicou :

— E' a certeza de que os noivos vão ser, todos, auxiliados pela sorte. Quer ver?

E mostrou a carteira, onde brilhava, dobrado em quatro um daquelles bilhetões dourados, que dão direito, em setembro, aos cinco mil...





Theatro Boccacio

O bom millionario

Comedia.

CORONEL MARCIONILIO — 65 annos; millionario,
ELVIRA — 50 annos; mundana.

ACTO UNICO

No escriptorio de "negocios" do Coronel Marcionilio —
Mobiliario suspeito e mal tratado.

SCENA UNICA

(Marcionilio, sentado, lê uma carta volumosa quando entra
Elvira com uma bolsa na mão.)

MARCIONILIO — (depois de
ver quem entrou no escriptorio
e pros-guindo a leitura da car-
ta) Oh!... E' você? Senta ahi
um pouco... Es:ou acabando de
ler es:a carta... Você entende
de negocios?...

ELVIRA — (de pé) Não
entendo dos
meus... e muito
menos dos seus...
E' preciso que
você me expli-
que primeiro
umas cousas para

MARCIONILIO — Inte-
ressa... Como não? Se for
um 7 eu ganhei setenta
contos no café a termo...
Se for um 4 eu ganhei
somente quarenta...

ELVIRA — Não me in-
teressa... já disse... As suas
contas e os seus contos
dão sempre o mesmo re-
sultado para mim... Quando
tiro a prova final... já sa-
be... nove: fora... nada!

MARCIONILIO — (guar-
dando a conta no bolso)
Você hoje es:a zangada...
Com certeza é por causa
da chuva... Porque não usa
uma galócha?

ELVIRA — Tinha graça
eu sahir á rua com uma
galócha no pé... logo um

eu poder comprehendel-os...

MARCIONILIO — Pois é isso... (continuando a leitura
da conta) Estou jogando na alta...

ELVIRA — Mente mais que a Agencia Americana... Mas
não pense que eu sou cega para não ver que você ha muito
tempo está jogando na baixa e não na alta...

MARCIONILIO — Na baixa?...

ELVIRA — Sim!... Naquella tourinha lá da pensão...
que banca os 17 annos... e já tem uma filha de 13 que
móra com a avó em Catumby...

MARCIONILIO — (sempre lendo) Ah!... Tem uma filha
de 13 annos?... Estou vendo que você conhece toda a fa-
milia... Diga-me uma cousa... Aquella go:rdinha é irmã della?...
Como é que ella vive?...

ELVIRA — Eu preciso saber é como você vive... Ha
dois dias ficou de me levar ao theatro com um vestido
novo... e até hoje nada!... Nem comprou o relógio pulseira...

MARCIONILIO — (mostrando a conta) Leia aqui... Você
que tem uma bôa vista... Eu hoje esqueci os meus oculos
no hotel... Isto é um 7 ou um 4?

ELVIRA — Que me interessa isso?... Tanto faz ser
4 como 7... é o mesomo...

pár de galóchas...

MARCIONILIO — Sente um
pouco... Venha cá...

ELVIRA — Não vou mais atrás
das suas cantigas... Nunca vi um
homem tão cisco... Que é que
você já me deu até hoje?...

MARCIONILIO — E' bôa!...
Acha pouco a importancia de to-
mar refresco em publico com um
deputado federal?...





O noivo desconhecido



A saudade de um bem que ainda não veio.
Alberto de Oliveira

Aquella viuvinha loura, de olhos claros, apaixonada pelas mangas curtas, que toma o seu chá, frequentemente, em uma das ultimas mesas, ao fundo, no Alvear, está desesperando, ao que parece, de encontrar um substituto para o defunto.

Sexta-feira da semana passada, appareceu ella por lá, com as suas grandes olheiras. Foi mais cedo que de costume, e sentou-se, sosinha.

Tomou um sorvete, e esperou. A's cinco tomou um chá. E eram, já, cinco e meia, quando uma das suas amigas se aproximou da mesa, beijando-a, e estranhando:

- Tu, sosinha?
- E' verdade.
- Estás esperando alguém?
- Estou, — confirmou a triste.
- Quem? — indagou a indiscreta.
- Não sei, menina... Sei, apenas, que está tardando...

E pousou os olhos na chicara, para esconder uma lagrima...

Job Hell



quasi gritou entre chôros:

— Es verdad, señor general! Es verdad! Es verdad! Hasta la pobrecita! Hasta la pobre de mi mujer! Hasta la pobre vieja! No respectaron nada, los malditos!

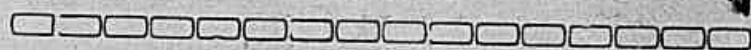
Osorio levantou-se, emocionado. Um capitão bateu amigavelmente no hombro do estancieiro, procurando consolal-o. E elle, contendo com esforço as lagrimas:

— Gracias, a Dios me han dejado en paz! Gracias a Dios no me estragaron tambien. El teniente paraguay me examinó y me dijo que yo era mucho viejo y no servia más...

O argentino, lembrando-se dos momentos angustiosos da invasão, cahio de joelhos perante o estado maior de Osorio e soluçou, batendo no peito:

— Gracias a Dios! Gracias a Dios no me estragaron tambien!

Maribondo de Chapéo



O telephone

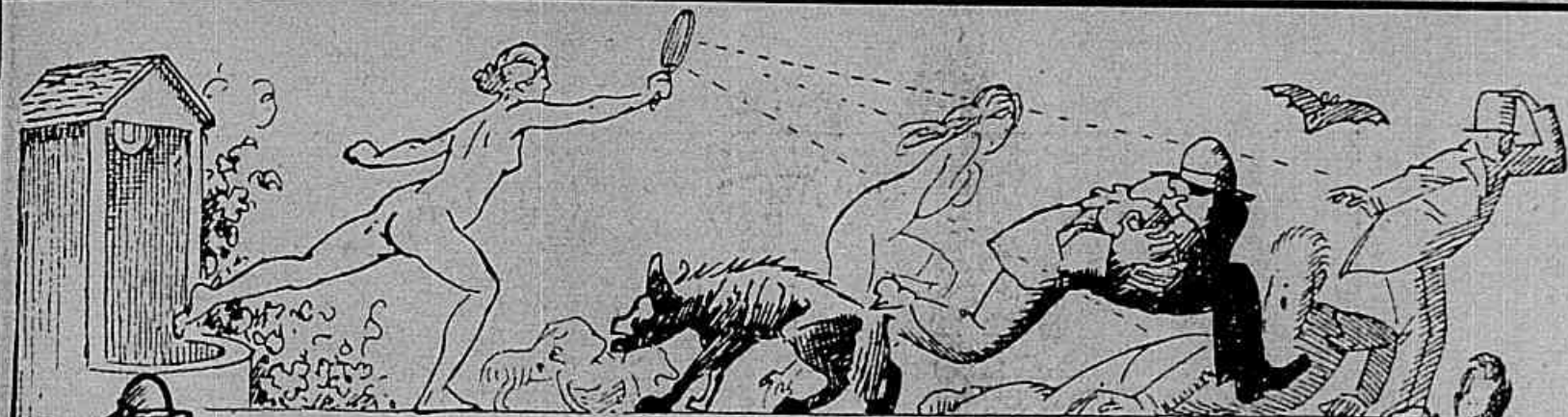
Quando ella partiu para Petropolis, a passar o verão, o esposo promettera-lhe que, na volta, encontraria o telephone collocado. Era uma necessidade. Ella precisava conversar com as amigas, e elle providenciaria para que o desejo fosse cumprido.

Antes de descerem, o marido perguntou-lhe onde se devia pregar o aparelho. E ella opinou:

— No lugar em que achares melhor. Para maior facilidade, conviria, entretanto, que eu estivesse perto, toda a vez que chamassem. Não achas?

Elle concordou. E quando ella desceu, e procurou o telephone, teve uma crise de raiva. O marido havia mandado collocal-o no banheiro, perto de um movel em que, na sua opinião, ella passa a maior parte do dia...





POR TRAZ DOS PANNOS

Galásinho

Imberbe, com uma meia dúzia de annos alem dos dez já contados, ellezinho é o encanto da caixa do « Iris », onde a encantadora e futura corista está actualmente trabalhando.

Conhecedor de caixas de segredos e dos segredos de todas as caixas, o sr. Carlos Cavaco, o vigoroso orador dos Tiros theatraes, perguntava outro dia á loura creatura pelo apaixonado.

— O meu galásinho ?

E o dr. Cavaco :

— Galásinho ? E porque não o chamas logo de meu « galãosinho » ?

Tatá e tótó

Elles tratam-se assim: o meu « tótó » e a minha « tatá ». Mesmo na intimidade do camarim, alli no S. José, o tratamento não é outro, segundo uma bisbilhotice do Assis cabelleireiro.

— Isso tinha de ser, — commentava, á porta do Trianon, o Mario Domingues. — Já no tempo do Recreio o tenor andava, depois da meia noite, fazendo o dramalhão pelas esquinas, murmurando de quando em quando :

— Eu tenho uma sorte de cão !

Eva... ção

A querida actriz Albertina Silva tem na revista « Do Tejo á Guanabara », de Alfredo Brêda, ora em pleno successo no « Iris », o interessante papel de Eva.

A proposito dizia o fecundo escriptor Carlos Bittencourt na roda do Carlos Gomes :

— O facto é que ella tem sido bastante ovacionada.

E o Candido Costa, emendando :

— Ovacionada, não; « evacionada »...

Fero cidade

Ensaio geral da « Ver e Amar »,

de Bastos Tigre, no Rialto.

A um canto estão os dois, juntinhos: ella, ex-comediante, figura de destaque na companhia; elle, também de destaque no nosso meio social.

E o Tigre, para o actor Christiano de Souza :

— Depois... a « féra » sou eu !...

Erudição

Entrou, positivamente, com o pé direito.

Logo na primeira noite conseguiu o coração de ouro do joven medico, que, num galanteio quasi rude, confessou toda a admiração :

— Oh ! Mas a senhora é uma artista de plastica !

E ella, convicta :

— De plastica ? O sr. está enganado. Pois se eu nunca fiz esse genero...

Caso de Amor

O major já teve um romance na vida.

Foi mesmo a phase mais ridente da sua descabelada existencia.

Começou por um « boa-noite ».

Ella gostou da noticia, que achou muito bem feita, muito sincera. Depois separaram-se: elle curou-se da mania das conquistas e ella, ao que parece, ainda fez melhor :

abandonou o theatro.

A companhia não se dissolveu, como suppunham.

Sahiu do Recreio mas continuou firme, continuando o niveo chronista como secretario... da companhia...

Rideau



ELVIRA — Sim... com um millionario que ainda outro dia quiz pagar uma limonada com uma nota de quinhentos... mas que acabou me tomando cinco mil reis emprestados...

MARCIONILIO — De certo... Se o homem não tinha troco para os quinhentos...

ELVIRA — Acho até que elle desconfiou que a nota era falsa...

MARCIONILIO — Toma-a você apanhar uma meia dúzia dellas...

ELVIRA — Eu ficava satisfeita apanhando primeiro os cinco mil reis que lhe emprestei...

MARCIONILIO — Está você me envergonhando... Já dei cinquenta mil reis... Que fez desse dinheiro todo?...

ELVIRA — Olha o cáscalo!... Os cinquenta mil reis que me deu ha um mez!... Quer saber o que fiz delles?... Paguei tresentos mil reis de pensão... e comprei um par de sapatos por sessenta e cinco... e ainda emprestei cinco a você para pagar a limonada... E morri na limonada e no troco... Aquella nota de cinquenta com certeza era de borracha... Esticou tanto...

MARCIONILIO — Tambem você não sabe economisar nada para os máos dias... Sapatos de 65\$000!!... (mostrando os sapatos delle) Olhe... os meus custaram 30 e já tem um anno e sem meia sóla... Isto é que é calçado... E é nacional... Economise... Você gasta tudo quanto ganha...

ELVIRA — Sou ao contrario de você... que ganha tudo quanto gasta... Até os 400 réis de limonada... e ainda pagou o taxi com o meu troco...

MARCIONILIO — Que é que você quer com essa choradeira toda?... E' insupportavel!... Essa gente parece que vive para o dinheiro... Anda agarrada á carteira... Pois olhe... eu ligo tão pouco a isso, que o meu dinheiro vive no banco... Nem olho para elle... O seu banco é essa bolsa?... Deixe ver quanto é que tem?... (gesto de pegar na bolsa de Elvira)

ELVIRA — Tire a pata d'ahi!... Diabo de fáro... Já senti o cheiro do dinheiro...

MARCIONILIO — Tem muito?... Quanto?...

ELVIRA — Tenho 10\$000 para pagar um passeio de taxi ao Leblon e um revolver para dar um tiro na cabeça...

MARCIONILIO — O revolver é bom?...

ELVIRA — Deve ser... Foi um inglez que o esqueceu lá em casa ha 6 mezes...

MARCIONILIO — (pegando na bolsa) Deixe ver...

ELVIRA — (batendo na mão delle) Tire a pata... Eu mostro... (mostrando um revolver) Está aqui... Um Smith and Wesson legitimo... Cabo de madreperola... Deve ser chic morrer assim...

MARCIONILIO — Vire isso para lá... Não gosto desse olho preto olhando para mim... O diabo deu um tiro com uma tranca... Vire para lá...

ELVIRA — Eu aijo bem... Não se assuste... Quando atirei no Cazuzinha fiz pontaria na mão e não errei... Tambem... eu só fazia questão de estragar a canhoto delle...

MARCIONILIO — E'... Mas não sou o Cazuzinha...

ELVIRA — Você?... Ah!... Ah!... Ah!... Olhem o cáscalo!... Você é muito mais seguradinho do que elle...

MARCIONILIO — Mas afinal que é que você quer fazer com esse revolver?...

ELVIRA — Eu?... E' bôa!... Quero matar-me... Já tomei duas picadas de morphina... Quando tomar a terceira... Já sabe... é logo... pum!... acabou-se!...

MARCIONILIO — Matar-se? Porque?!

ELVIRA — Se tenho somente dez mil reis e preciso de 100...

MARCIONILIO — Para que?...

ELVIRA — Para desempenhar as minhas joias que estão com a Maria Saraiva...

MARCIONILIO — Matar-se... só por isso...

ELVIRA — Não é de sua conta...

MARCIONILIO — Não posso consentir que você se mate só por 100\$000... E' um crime horrivel... Prefiro arranjar-lhe o dinheiro...

ELVIRA — Os 100\$000?...

MARCIONILIO — Quem fallou em cem mil reis... Arranjo os noventa...

ELVIRA — Mas se eu preciso de 100\$000...

MARCIONILIO — Sim... precisa de 100\$ mas já tem 10... Logo... só faltam 90...

ELVIRA — Pois deixe ver o dinheiro...

MARCIONILIO — (mette a mão no bolso, retira o dinheiro e separa os 90\$000) Estão aqui os 90...

ELVIRA — Deixe ver...

MARCIONILIO — Dou os 90 mas é com a condição de não se matar...

ELVIRA — Pois sim... Pometto não me matar... Deixe ver o dinheiro...

MARCIONILIO — E' preciso que me dê uma garantia do seu proposito...

ELVIRA — Dou... aquella que quizer...

MARCIONILIO — Deixe então o revolver commigo... Só assim eu ficarei tranquillo...

ELVIRA — Para garantir 90\$000?... um revolver que custa mais de 200\$000!...

MARCIONILIO — Que tem isso?... Garante apenas... 90\$000... enquanto eu vou garantir sua vida que vale muitissimo mais...

ELVIRA — Deixe ver o dinheiro...

MARCIONILIO — Vamos fazer como o caboclo... Mão para lá... mão para cá...

(trocam o dinheiro e o revolver)

ELVIRA — (contando o dinheiro) E' preciso ver se estes 90 não são somente 85...

MARCIONILIO — (abrindo o tambor do revolver) Primeiro tenho de tirar as balas para fazer funcionar o gatilho e ver se isso está direito... (vendo que o revolver não tem balas) E essa!... O revolver não tem balas!... Está desarmado!...

ELVIRA — Que tem isso?... Para mim é o mesmo... Eu não queria matar-me...

MARCIONILIO — O mesmo?... Uma espiga!... Se eu soubesse dava somente quarenta...

Jan Richora



LEIAM O 2.º NUMERO DE

“O Mundo Literário”

Notavel mensario de literatura nacional e estrangeira.

130 PAGINAS DE TEXTO

Directores: PEREIRA DA SILVA e THEO-FILHO

Secretario: ENÉAS FERRAZ

Editora: A grande Livraria LEITE RIBEIRO

O Mundo Literario tem como programma intensificar a reciprocidade intellectual de todos os Estados do Brasil, facilitar ao publico o conhecimento directo das novidades literarias, scientificas, sociaes, etc. e collaborar no renascimento das sãs energias nacionaes. Para isso conta com um escolhido corpo de redactores e collaboradores, entre elles: Afranio Peixoto, Alberto Nunes, Augusto de Lima, Alcides Maya, Agenor de Roure, Assis Chateaubriand, Bastos Tigre, Benjamin Costallat, Coelho Netto, Celso Vieira, Felix Pacheco, Goulart de Andrade, Gilberto Amado, Humberto de Campos, Hermes Fontes, João do Norte, Luiz Murat, Luiz Guimarães Filho, Luis Carlos, Lemos Brito, Medeiros e Albuquerque, Mario de Alencar, Rodrigo Octavio, Ronald de Carvalho, Veiga Miranda, Xavier Marques e muitos outros, além das escriptoras Albertina Bertha, Bertha Lutz, Chrysantheme, Cecilia Meirelles, Gilka Machado, Julia Lopes de Almeida, Maria Eugenia Celso e Rosalina Coelho Lisboa.

As secções permanentes do «Mundo Literario» estão entregues aos escriptores Jackson de Figueiredo, Pontes de Miranda, Abadie Faria Rosa, Mucio Leão, Barbosa Lima Sobrinho, Austregesilo de Athayde, João Tolomei, Carlos Maul, Mario Ferreira, Agrippino Grieco, Carlos de Vasconcellos, Flexa Ribeiro, Viriato Corrêa, Santos Netto, Ademar Tavares, Carlos Rubens, Asterio Campos, Virgilio Varzea, José Guilherme, Ribeiro Couto, Abner Mourão, Nestor Victor, etc.

Assignatura semestral....	11\$000 na Capital	13\$000 nos Estados
“ annual.....	20\$000 “ “	25\$000 “ “
Numero avulso.....	2\$000 “ “	2\$500 “ “

A remessa por via postal será sempre registrada, estando o porte e registro comprehendidos nos preços acima mencionados

PEDIDOS DESDE JÁ Á

Grande Livraria LEITE RIBEIRO

RUAS BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17 e 19 e TREZE DE MAIO, 74 e 76

Caixa Postal 899 -- RIO DE JANEIRO

TALCO BORICINADO SILVA ARAUJO BABY-FLORA

PARA CRIANÇAS E ADULTOS
CONTRA AS IRRITAÇÕES DO CALOR

M Para hygiene intima das senhoras e para defeza secreta dos homens MATIGON

Pharmacias **ORIENTAL e WERNECK**

BANHOS DE MAR EM CASA

Vendem-se a 600 réis — 1.º de Março 151 e nas boas pharmacias e drogarias — Exijam a marca registrada onde se lê: Banhos de mar em casa. Unicos analizados e recommendados por distinctos clinicos.

EXPEDIENTE

"A MAÇA"

Semanario illustrado

Director: Conselheiro X. X.

Proprietario: Humberto de Campos

Redacção: Rua Sachet, 28.

Estados:

Anno	25\$000
Semestre	13\$000
Numero avulso	\$600

Capital:

Numero avulso	\$500
" atrasado	\$600

Agentes para os Estados:

Livraria Leite Ribeiro

Rua Bethencourt da Silva, 15. 17 e 19

HOEPFNER & Co., Ltd.

SECÇÃO GRAPHICA
EXECUÇÃO PERFEITA E RAPIDA

TYPOGRAPHIA

LITHOGRAPHIA

RELEVGRAPHIA

ENCADERNAÇÃO

AVENIDA MEM DE SÁ, 236-240

Telephone Central 378

-- RIO DE JANEIRO --

FOOTBALL

A CASA ESTRELLA

communica aos jogadores deste Sport, que recebeu pelo vapor Almanzora, grande sortimento de meias com as cores de todos os Clubs, e camisas para Goal-keeper importadas do afamado fabricante MORLEYS.

OUVIDOR, 134

